

---

ADILSON ODAIR CITELLI

M E M O R I A L

São Paulo, novembro de 1992

---

---

Memorial para concurso de Professor Assistente  
junto ao Departamento de Comunicações e Artes,  
da Escola de Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo.

Candidato: Prof. Dr. ADILSON ODAIR CITELLI

---

---

## SUMÁRIO

página

### I - APRESENTAÇÃO

1. MEMORIALE. SUBSTANTIVO MASCULINO .....	1
2. NO MEIO DO RODAMOINHO .....	3
2.1 - Cenas do começo .....	3
2.2 - Uma rua chamada Mariantônia .....	9
2.3 - Aulas livres para um público restrito .....	12
2.4 - Você já fez o seu curso de pós-graduação ? ...	14
2.5 - O dever nosso de cada dia .....	17
2.6 - A última cena (por enquanto...) .....	24

### II - CURRICULUM VITAE (circunstanciado)

1. DADOS PESSOAIS .....	29
2. FORMAÇÃO EDUCACIONAL .....	30
2.1. Cursos de primeiro grau .....	30
2.2. Cursos de segundo grau .....	30
2.3. Cursos superiores .....	31
2.4. Cursos de pós-graduação .....	32
2.4.1. Mestrado .....	32
2.4.1.1. Cursos realizados para obtenção do título de mestre .....	32
2.4.1.2. Dissertação .....	34
2.4.2. Doutorado .....	34
2.4.2.1. Cursos realizados para obtenção do título de doutor .....	34
2.4.2.2. Tese .....	35
3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL .....	36
3.1. Atividades didáticas na Escola de Comunicações e Artes .....	38
3.1.1. Graduação .....	38
3.1.2. Pós-graduação .....	39
3.1.3. Especialização .....	39
4. ATIVIDADES CIENTÍFICO-ACADÊMICAS .....	40
4.1. Cursos .....	40
4.1.1. Frequentou .....	40
4.1.2. Ministrou .....	41
4.2. Congressos .....	43
4.2.1. Apresentou trabalho .....	43
4.2.2. Organizou .....	43
4.3. Encontros .....	45
4.3.1. Participou .....	45
4.3.2. Coordenou .....	46
4.3.3. Apresentou trabalho .....	46

---

---

	página
4.4. Colóquios .....	48
4.4.1. Apresentou trabalho .....	48
4.5. Seminários .....	49
4.5.1. Nacionais .....	49
4.5.1.1. Coordenou .....	49
4.5.1.2. Participou .....	49
4.5.2. Internacionais .....	50
4.5.2.1. Debateu .....	50
4.6. Mesas-redondas .....	51
4.6.1. Apresentou trabalho .....	51
4.7. Simpósios .....	52
4.7.1. Apresentou trabalho .....	52
4.8. Palestras e conferências .....	54
4.8.1. Proferiu .....	54
4.9. Pós-graduação .....	56
4.9.1. Cursos ministrados junto ao Departa- mento de Comunicações e Artes .....	56
4.9.2. Membro de bancas de qualificação .....	56
4.9.3. Membro de bancas de mestrado .....	56
4.9.4. Membro de bancas de doutorado .....	57
4.9.5. Membro de banca de Trabalho de Conclu- são de Curso (TCC) .....	58
4.10. Projetos de pesquisa .....	59
4.10.1. Financiados .....	59
4.10.1.1. Orientandos no Projeto .....	59
4.10.1.1.1. Iniciação científica .....	60
4.10.1.1.2. Aperfeiçoamento .....	60
5. ATIVIDADES TÉCNICO-ADMINISTRATIVAS .....	61
6. ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA .....	65
7. ATIVIDADES DE ASSESSORIA E CONSULTORIA .....	67
8. PARTICIPAÇÃO EM DEBATES .....	69
9. ENTREVISTAS CONCEDIDAS .....	70
10. ATIVIDADES EDITORIAIS .....	72
11. PARECERES EXARADOS .....	74
12. BOLSAS RECEBIDAS .....	77
13. AUXÍLIO PESQUISA .....	78
14. ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOCENTE .....	79
15. HOMENAGENS RECEBIDAS .....	80
16. OUTROS .....	81
17. PUBLICAÇÕES .....	82
17.1. Livros .....	82
17.2. Revistas .....	83
17.3. Jornais .....	85
17.4. Trabalhos mimeografados .....	86
18. PARTICIPAÇÃO EM VÍDEOS .....	87

---

---

I - A P R E S E N T A Ç Ã O

---

---

"Mas, o senhor sério tencionava devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe ? Tem seus motivos. Agora - digo por mim - o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa, repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar."

Guimarães Rosa

---

---

## 1. MEMORIALE. SUBSTANTIVO MASCULINO

É possível que os intérpretes de Mnemosyne tenham desaparecido. Fora dos tempos míticos e sem as confrarias de aedos, videntes e possessos, a sophia, o saber, com a qual Mnemosyne presenteava os seus eleitos, deve viver hoje sob referências bem mais mundanas. Voltar ao passado e refazer o tecido da memória tornou-se gesto difícil, como atesta o fim do ciclo dos narradores. Talvez o conceito platônico de anámnesis, o ato de se revelar o conhecimento, seja cada vez mais o nome do esforço para se reencontrar, pela recuperação da memória, os fragmentos de nossa precariedade.

Os memoriais do Senhor, de Santa Helena, de Aires, de Riobaldo são, de fato, memoráveis. O meu é uma quase crônica despretensiosa de acontecimentos que, ao registrar percepções fugidias, sentimentos meio difusos, experiências de vida, livros e escritas, procura mostrar um conjunto de atividades que se não chega a glorificar tampouco parece desmerecer o Autor.

O que foi escrito aqui representou o esforço para se encontrar o substantivo, malgrado o leitor termine ficando com a impressão de estar frente a eventos pouco significativos,

---

---

detalhes dispensáveis, amostra desabonadora. Pretendi produzir um texto marcado pela tinta da sinceridade e nenhum tom de melancolia, fixando o que pareceu. na recuperação de uma memória nem sempre iluminada por Mnemosyne, importante para aclarar aspectos do meu percurso intelectual e de vida.

Para contar-me não encontrei outra solução estilística senão adotar uma resoluta primeira pessoa do singular. Dispensei o registro grave dos relatórios, dissertações e teses que atribuem ao plural de modéstia a tarefa de indicar o distanciamento crítico e a óptica da ciência. Com isto espero não estar sugerindo que experiências individuais sejam acontecimentos isolados e nem mesmo considerar a remota possibilidade de a linguagem realizar-se fora de um circuito interativo, dialógico, interdiscursivo.

Deixei para o curriculum circunstanciado a indicação das atividades que reputo importantes para ajudarem a compor um perfil dos trabalhos que tenho desenvolvido enquanto educador-pesquisador.

---

## 2. NO MEIO DO RODAMONHO

### 2.1 - CENAS DO COMEÇO

O Primeiro Grupo Escolar de Adamantina simbolizava em suas salas de aula feitas com a madeira das matas recém-derrubadas a história de uma cidade nascida com a expansão das fronteiras agrícolas em direção ao Oeste paulista. A escola era bem construída e tinha alguma imponência, a despeito de certos inconvenientes físicos e uma excessiva rigidez disciplinar: havia o desconforto das cadeiras/carteiras ocupadas por dois alunos, o vidro de tinta equilibrando-se junto com a caneta bico-de-pena, o olhar austero da professora primária (seria aquela uma profissão de mulheres?) que parecia determinar fosse aplicado ao ritmo da aula o mesmo movimento animador do espírito da colonização, ou seja, exigir no aprendizado da tabuada e do abecedário a mesma rapidez com que se construía novas edificações.

Terminar, nessas circunstâncias, o quarto ano primário significava transpor um desafio e firmar uma certeza: no primeiro caso, a obtenção de um diploma de perseverança e no segundo, a crença ingênua de que já se sabia o suficiente e a escola podia ser vista como coisa do passado. Muitos colegas empregaram-se em lojas e escritórios, outros, como eu, puderam continuar os estudos. Talvez pelas dificuldades associei à

---

escola a idéia de um trabalho. Não sei se isto foi bom ou mau, o fato é que ao redigir este memorial conduzi-me, naturalmente, àquelas salas de madeira, ao olhar da professora, ao bulício dos recreios, e tive de transformar imagens fugidias e percepções longínquas de um tempo e um lugar em um fazer.

O meu vasto mundo ainda era maior do que o meu coração. Lá havia espaços abertos, rios, ruas de terra, rachas em terrenos baldios e a praça onde todos se encontravam. Só mais tarde percebi que a vastidão dos lugares, "o mundo grande de meu Deus" de que fala Riobaldo, ajuda a formar uma idéia de liberdade e mal-estar diante de limites muito rígidos, mas não chega, contudo, a garantir que o coração deixará de ser prisioneiro.

Estar na praça conversando com as pessoas e tendo como cenário a linha do horizonte possui a vantagem de criar uma certa referência pública do espaço. As casas deixam de ser o lugar único das confidências; a falta da televisão impede que as ruas se vejam entregues a bêbados e mariposas.

Lá onde eu vivia, o Almoço com as estrelas só foi servido em 1967, executando, deste então, o paciente e continuado propósito de fazer com que o vasto mundo caiba numa sala acanhada. Antes da entrada em funcionamento da Televisão Tupi, a única que chegava àquela parte do Estado de São Paulo, os acontecimentos exteriores eram conhecidos através do rádio e do jornal, que vinha, aliás, com um dia de atraso. Posso dizer, portanto, que a palavra era o meu recurso básico de contato com o mundo. Não é estranho que nos anos subseqüentes as minhas

---

---

atividades fossem se definindo pelo âmbito da linguagem verbal.

A força das relações interindividuais processadas na rua e o contato com o mundo via palavras ouvidas no rádio e lidas nos jornais e revistas só era quebrada pela magia do escurinho do cinema. Na minha cidade havia duas salas, excelentes para aqueles tempos, e onde eram exibidos filmes de qualidade, clássicos que marcaram a história do cinema. Hoje, infelizmente, uma das salas virou agência de banco e a outra um depósito de bebidas.

Assistindo ao Cinema Paradiso, de Giuseppe Tornatore, revi muito de minha própria experiência de adolescente que tinha nos filmes uma alternativa para apreender dimensões da vida e do homem que não se esgotavam nas conversas da praça, nas audições de rádio, na leitura de jornais, livros e revistas. Desenvolvi pelo cinema uma paixão que, ao lado do jazz, tem-se acompanhado deste então. No momento em que escrevo este memorial recupero cenas inteiras de filmes que vi no Cine Santo Antônio ou no Cine Adamantina. Aqui está, diante de mim, a seqüência do duelo entre Shane (Alan Ladd) e Jack Wilson (Walter Jack Palance); ou a passagem final, no mesmo filme de George Stevens, quando o garoto Joey Starrett (Brandon de Wilde) apela para que o enigmático vingador do Vale do Wyoming desista de abandonar as terras da família Starrett: "Mother wants you". Declaração dramática que ecoava mais forte pelo Vale do que os tiros disparados pelo pistoleiro Wilson contra os pequenos proprietários da região. Se Marian Starrett (Jean Arthur) foi ou

---

---

não tocada pela inconfidência do filho, não sei: eu, em todo caso, chorei. Em 1986, ao escrever o livro O romantismo, para a Editora Ática, dei um jeito de retomar as idéias de individualismo, de impossibilidade amorosa, de nobreza dos gestos solitários, próprias daquele movimento, a partir de Shane (Os brutos também amam) e Casablanca. De certa forma eu me reencontrava, pela escrita, com mitos da adolescência formados numa cidade que, num certo tempo distante, já teve cinema.

No mais usava Gumex como todo mundo, ia aos bailes mas raramente dançava, preferia conversar sobre isto ou aquilo enquanto a orquestra executava algum standard de Ray Coniff ou tentava reeditar as performances dos Beatles.

Tinha maior prazer com a leitura de livros de História, os romances, a poesia, numa indicação de que os meus interesses caminhavam para a área de humanidades. Evitava Matemática fugindo, sempre que possível, dos compromissos com tangentes, derivadas, raízes cúbicas e quadradas, teoremas simples e, sobretudo, complexos. Preferia estar com os colegas que faziam o jornal da escola e ensaiavam as peças de teatro. Em pelo menos uma das montagens das quais participei fui aplaudido em cena aberta. Orgulhoso percebi, depois, que os hurras e vivas não se deviam a qualquer talento especial do homenageado, sendo apenas o gesto delicado de uma platéia provinciana que aplaudia indistintamente a tudo e a todos.

Tirando estas peripécias intelectuais e artísticas, revelei-me um razoável jogador de futebol, ganhei

---

---

medalhas em praças esportivas, mas a fragilidade do corpo e a baixíssima potência do chute ensinaram, logo cedo, que o ataque do Santos, composto por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe já estava completo. Assumi, com algum ressentimento, confesso, a dura realidade de que a minha carreira poderia encerrar-se prematuramente sem que ninguém levantasse um dedo para impedir.

Curiosamente a última partida importante que disputei foi no dia 15 de março de 1964, um domingo. Dois dias antes, na sexta-feira 13, ouvi, pelo rádio, com alguns amigos, o discurso feito por João Goulart, na Central do Brasil. Ainda que não percebesse muito bem o alcance, significado e conseqüências daquele acontecimento, senti que alguma coisa importante iria ocorrer. Levei um susto quando um sujeito mais velho, ao ouvir o Leonel Brizola dizer que era necessário reformar a Constituição, ainda que com o fechamento do Congresso, gritou: "Agora estamos no poder." O som ecoou enfático e seus resultados iriam desabar sobre a minha cabeça alguns anos depois.

O que viria em seguida considero fundamental para a minha formação. Fui perdendo a inocência, as ruas da cidade receberam calçamento, os prédios começavam a cobrir a linha do horizonte, a praça foi ficando sem graça, o Airton e a Lolita Rodrigues passaram a visitar todos os lares. O meu vasto mundo foi ficando acanhado e comecei a ter acesso a livros e idéias trazidos por estudantes que haviam saído para realizar o curso superior em centros maiores. Com isso, entrei em descompasso com o ritmo de muitos colegas de turma, eles iam para os bailes ou

---

---

para a praça e eu e alguns outros para a acanhada Biblioteca Municipal e para os grupos de estudos que eram devidamente acompanhados pelo "pessoal de fora". É verdade que tudo isto pode ter deixado marcas e se constituído em excesso de responsabilidade para molecotes imberbes. No entanto pude me livrar de um mal maior: não dei ouro para bem do Brasil.

Sempre gostei de ensinar. Comecei a achar que deveria ser professor, uma profissão que fui descobrindo não pertencer apenas às mulheres. Este sentimento aguçou-se com a leitura dos textos doutrinários de Monteiro Lobato. A esfinge lobatiana do alfabetiza-me ou devoro-te encaixava-se perfeitamente na minha crença de que o mal do Brasil era a ignorância, a falta de cultura. Assim, no meio desta confusão conceitual abandonei o Curso Clássico e fui engordar as turmas do Curso Normal. Para a surpresa de muitos, meus pais, por exemplo, que sonhavam com um filho advogado, ou alguns amigos que me vaticinavam futuro mais promissor do que ensinar o abecedário para crianças da escola rural, aceitei a missão de salvar o país pelo manuseio da cartilha Caminho Suave.

O antigo Curso Normal tinha, à parte as matérias pedagógicas, um conjunto de disciplinas que, a rigor, permitiam ampliar experiências intelectuais importantes. Restavam aí matérias ministradas pelos professores do Clássico e que exigiam uma razoável quantidade de leituras: Sociologia, Filosofia, Psicologia, etc. Tive acesso aos textos de Sartre (a minha primeira experiência intelectual importante), alguma coisa de

---

---

Marx e Freud, além de um Politzer dado como o "maior sistematizador da doutrina marxista". Obras lidas atabalhoadamente algumas, superficialmente outras, atentamente poucas; de qualquer modo é muito difícil atravessar estas experiências e continuar o mesmo.

Terminei o curso de formação de professores olhando desconfiado para a esfinge lobatiana; ao invés de trilhar o caminho da escola rural embarquei, num calorento novembro de 1967, no trem noturno que me traria para os exames vestibulares em São Paulo.

## 2.2. UMA RUA CHAMADA MARIANTÔNIA

1968 pode ter sido um ano comum para muita gente. Não para mim. Recém-chegado e desejoso de frequentar o curso de Letras da Universidade de São Paulo, fui informado que as inscrições para o vestibular da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras eram feitas na rua Mariantônia. O impacto eufônico do nome, simples na sua contração de as, linear na capacidade de aglutinar dois substantivos próprios, Maria Antônia, foi imediato. A idéia grega de goetéia, epodé/encantamento pode ser aplicada para o caso.

Naquele tempo os vestibulares eram escritos e as provas específicas por área. Acho que tal fato acabou

---

---

contribuindo para a minha aprovação. Vencida a surpresa, veio o secreto prazer e a ponta de vaidade em ter o meu nome estampado nos jornais. E hoje, passados alguns anos, só posso tributar à Escola Pública, cursada em uma cidadezinha do interior, a graça concedida por haver sido aprovado em um vestibular da Universidade de São Paulo sem a necessária freqüência ao cursinho preparatório.

O passo seguinte foi adentrar naquelas salas da rua Maria Antônia marcadas por um ar quase ritualístico, conviver com pessoas novas e diferentes. Tudo isto levou poucos meses, logo estava em sintonia com o ritmo da nova dança, porém estranhando comportamentos que nunca presenciara e ficando chocado com idéias que não circulavam pelo meu antigo vasto mundo.

Algumas aulas pareciam incompreensíveis, entretanto o ar sério e meditativo da maioria dos colegas sugeriam que a falta era minha. Descobri, tempos depois, que a falta era nossa.

Certos professores ganharam destaque: Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão, Alfredo Bosi, Roberto Schwartz, Isaac Nicolau Salum, para citar alguns nomes. Tomei contato com a Lingüística e a Semiótica através do prof. Izidoro Blikstein. Com o prof. Boris Schnaiderman pude conhecer a ficção, a poesia e os estudos teóricos de linguagem e teoria literária produzidos na União Soviética. Para quem reclama que na Universidade nada se aprende vejo que o balanço não pode ser considerado negativo.

---

---

Como a maioria dos que conviveram com a Maria Antônia mudei idéias e comportamentos, passei a olhar o mundo pela perspectiva da rua da Consolação, freqüentei os teatros de Arena e Oficina, caminhei pela praça Roosevelt antes que ela se transformasse naquela massa de concreto. Aderi às barricadas, andei e corri, conforme a disposição da cavalaria, pelas ruas de uma cidade que me era ainda tão estranha como sedutora. Sofri com o sofrimento dos outros e senti o gosto da primeira derrota quando a bela mulher, nome de rua, foi tomada pela polícia. Felizmente os ocupantes desapareceram sem conseguir conquistar o coração da Maria Antônia, que continua lá, ainda com a capacidade de provocar calafrios, mas, convenhamos, com um charme bem mais discreto.

Quanto ao resto do curso de graduação, já na Cidade Universitária, conclui-o com razoável competência. Apliquei-me naquilo que interessava, passei pelo resto e, no mais, cumpri as formalidades de praxe. O "campus" era úmido e frio, a condução difícil, havia noites, durante o ano de 1968, em que ouvíamos disparos contra o CRUSP - Conjunto Residencial da USP -, até que, finalmente, os barulhos aumentaram e vieram tanques e carros militares protegidos pelo AI5. E fez-se o silêncio naquele gélido e brumoso final de ano.

---

### 2.3. AULAS LIVRES PARA UM PÚBLICO RESTRITO

Tudo poderia ter acontecido de forma rápida e linear como a contada até aqui: o curso de Letras realizado em quatro anos, um amadurecimento humano e intelectual à luz de livros, aulas e convivências, assim como a definição por uma carreira de docência e pesquisa na área de linguagem verbal. Poderia, mas não foi. É que no meio do caminho havia um cano de metralhadora acordando-me numa manhã de janeiro de 1970 - e faço remissão a tais fatos por ajudarem a explicar aspectos do meu perfil de cidadão e professor.

Aquela não é a melhor maneira de se tirar alguém de um sono profundo. Quando isto acontece, porém, a impressão é a de que desapareceram os limites entre o sonho e a realidade. Forma-se uma nebulosa com imagens difusas dançando à nossa frente; demora algum tempo para tomarmos consciência de que aquilo que vemos é mesmo o que vemos. A tendência natural é não acreditar na cena - truculentos sujeitos armados berram histéricos - e voltar aos aconchegantes braços de Morfeu. Infelizmente mordemos os lábios e eles sangram: é preciso admitir que os homens chegaram.

O resto sugere uma vertigem. Entra-se num carro, roda-se pela cidade ainda vazia, vêem-se prédios, pessoas em pontos de ônibus, boêmios e prostitutas retornando às casas, bancas de jornais sendo abertas, o cinzento céu paulistano

---

---

sugerindo a normalidade de mais um dia; ouve-se o apito do trem e o ranger de um portão; penetra-se no velho casarão do Largo General Osório. Fora a cidade se abre e dentro a gente se fecha.

A experiência prisional não é feita apenas de gritos e dores, existe sempre a possibilidade, pelo menos para quem vai cumprir penas mais longas, de se criar alternativas que permitam algum crescimento pessoal e impeçam a perspectiva de ficar apenas vendo o tempo passar. Até porque, no absurdo daquela situação, a única coisa que não passa é justamente o tempo.

Convivi com gente muito diferente, ajudei a ensinar alguns, com outros aprendi, busquei, com quase todos, estabelecer laços de solidariedade e princípios de sobrevivência. Pude, naquelas circunstâncias, ler e refletir, sedimentando coisas, colocando em dúvida verdades que me pareciam definitivas, estudando, particularmente, formas discursivas que acentuavam os efeitos de convencimento e de persuasão. Anos depois escrevi um livro sobre o assunto: Linguagem e persuasão, para a Editora Ática.

Tive o raro privilégio de assistir a aulas quase particulares com homens como: Caio Prado Júnior, Rui Coelho, Jacob Gorender, Augusto Boal, para ficar apenas naqueles que passaram o ano de 1970 no presídio Tiradentes. Com mais dois ou três companheiros interessados iniciamos um curso de Sociologia da Arte e da Literatura com o prof. Rui Coelho. De Augusto Boal ouvi as primeiras ironias ao pensamento de Georg Lukács, em

---

especial no que dizia respeito ao conceito de reflexo da realidade e às críticas apressadas feitas a Kafka e ao "nouveau roman". No começo doeu, depois as coisas foram se aclarando e pude ler ou reler Lukács separando o joio do trigo.

Enfim, vivia uma experiência intelectual ímpar: nunca antes, dificilmente depois. No mais, ninguém permanece quase dois anos em uma prisão, apenas iniciando a fase adulta, vendo as várias formas de violência, assistindo à morte e à desagregação física e psicológica de presos políticos e comuns, sem passar por mudanças muito profundas. Acho que aprendi a conviver melhor com as diferenças, tornando-me mais tolerante e avesso às imposições dogmáticas e autoritárias.

#### **2.4. VOCÊ JÁ FEZ O SEU CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO?**

Não posso reclamar do ano de 1972. Apenas estranhei o fato de o Departamento de Letras da FFLCH/USP ter sido atirado em prédios improvisados que mais lembravam uma colmeia de cimento do que salas de aula. Só que ao contrário das laboriosas abelhas, vivia-se ali na mais completa apatia. O estruturalismo havia sido alçado à condição de guia para o acesso ao novo milênio e alguns professores e alunos, com os quais convivera, tinham voado para outras latitudes.

---

Nesse quadro atendi aos chamamentos do bom senso: concluí a graduação o mais rápido possível, sem grandes perguntas, até porque precisava do diploma para ganhar a vida. Entre 1972 e 1973 realizei um tal número de disciplinas que a vergonha me impede confessar. Era, sem dúvida, o sinal dos tempos.

Estimulado por amigos resolvi responder positivamente à irônica pergunta de Gilberto Gil: "-Você já fez o curso de pós-graduação?" Em 1974, após os exames de praxe, inicialmente sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Bosi, e depois do Prof. Dr. José Carlos Garbuglio, ingressei no mestrado de Literatura Brasileira, junto ao Departamento de Letras da FFLCH/USP.

Cursei várias disciplinas que me ajudaram a pensar não apenas os problemas específicos nos quais estava interessado, mas também permitiram discutir questões gerais envolvendo o momento brasileiro. E isto foi possível graças às intervenções de Antonio Candido procurando mostrar as relações texto/contexto, linguagem/ideologia; de Rui Coelho insistindo nas passagens arte/sociedade; de Alfredo Bosi relendo o Memorial de Aires, de Machado de Assis, a partir de uma tradição crítica fora de moda para aquele momento e que incluía Antônio Gramsci, Georg Lukács, Lucien Goldmann; de José Carlos Garbuglio permitindo o acesso ao inquietante mundo movente de João Guimarães Rosa.

De algum modo, neste percurso/diálogo defini melhor uma linha de pesquisa ligada ao estudo do texto literário

---

---

regionalista no Brasil do final do século XIX e começo do XX.

Assim, a monografia de mestrado, defendida e aprovada em 1980, procurou demonstrar, a partir do livro Pelo Sertão, de Afonso Arinos, como a construção do texto regionalista possui implicações muito complexas do ponto de vista cultural, ideológico, histórico, antropológico. Aspectos como o da escolha da perspectiva narrativa e do uso da linguagem foram explorados a fim de se mostrar como nem sempre a glorificação do homem simples representa sua efetiva valorização.

Em 1986, após haver ingressado por concurso público interno realizado pelo Departamento de Comunicação e Artes, da Escola de Comunicações e Artes da USP, para ministrar a disciplina Comunicação Lingüística, retornei à pós-graduação - da qual me afastara para ministrar aulas em cursinhos pré-vestibulares e faculdades particulares, assim como escrever alguns dos textos já indicados neste memorial. Fui aceito para relizar o doutorado junto à Cadeira de Literatura Brasileira, do Departamento de Letras da FFLCH/USP, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Garbuglio.

Dei continuidade, então, às análises iniciadas no mestrado acerca da natureza da escrita regionalista. Elaborei uma tese para verificar como as imagens de Canudos foram compostas por diferentes ficcionistas. Pude verificar que, no fundo, a literatura, sob a máscara da metáfora, deu continuidade à visão discricionária e preconceituosa formalizada pelo discurso científico acerca de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

---

---

Apresentei como uma espécie de contra-fala desta tendência um romance quase desconhecido de Afonso Arinos, Os jagunços, escrito em 1898. A tese foi defendida e aprovada em abril de 1990.

## 2.5. O DEVER NOSSO DE CADA DIA

Tenho uma origem simples. Meu pai, ganhava a vida como barbeiro e minha mãe ajudava a engordar as finanças da casa dando aulas de corte e costura e vendendo criativas peças de tricô e crochê. Ambos concebiam o mundo a partir de três referências: ser honesto, trabalhar, não dever nada a ninguém. Esta rigidez protestante exercitada numa família de católicos me foi passada, creio tê-la absorvido.

Comecei a trabalhar muito cedo. Aos quatorze anos empreguei-me numa farmácia - infelizmente não possuo registro em carteira - e ajudava o boticário a compor fórmulas e misturar tinturas. Tratava-se de uma atividade agradável, quase lúdica, em sua profusão de cores, vidros, sais, líquidos, balanças, copos de medir, espátulas. E no fim um novo composto seguia para ser vendido no balcão da frente.

Entre as aulas no Colégio e o laboratório da farmácia realizava os deveres escolares e lia romances. Este exercício da dupla jornada de trabalho tem se constituído, de certa forma, em uma constante na minha vida. Exerci outras

---

atividades em Adamantina, após haver abandonado o período da magia das reações químicas, porém seria tedioso relacioná-las aqui, conquanto as guarde na memória com alguma saudade.

As experiências didáticas foram iniciadas em São Paulo. Em 1972 ministrei aulas durante seis meses na escola de línguas Fisk Schools Limited, afastando-me por incompatibilidade com os objetivos didáticos e pedagógicos da instituição.

Em 1974 engajei-me num programa desenvolvido pelo convênio SENAI/Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que tinha o propósito de ensinar Matemática e Português aos sindicalizados possuidores de um grau mínimo de escolaridade. Além de ajudar na confecção do material de Português, passei a ministrar aulas desta disciplina. Os alunos, formados por operários que iam à escola após a jornada de trabalho, misturavam ao interesse o cansaço. A luta contra o sono exigia que as aulas abandonassem os métodos tradicionais e passassem a funcionar naquela fronteira entre a sistematização e a instigação, a exposição e a invenção. Apesar das dificuldades o trabalho evoluiu e novas turmas foram surgindo. Em novembro daquele ano, abruptamente, o curso foi extinto por razões nunca explicadas.

Entre 1975 e 1981, vivi outra importante experiência como educador. Foi no Colégio Equipe. Nascido nas circunstâncias das agitações estudantis dos fins dos anos sessenta, o Colégio acabaria por se constituir num importante marco para a renovação do ensino em São Paulo. O Equipe, preocupado em ministrar uma educação de qualidade, crítica,

---

---

participativa, permitiu a existência de um espaço de discussão e resistência que tornou o casarão da rua Caio Prado uma referência para a prática da liberdade.

As características dos alunos, os debates entre os professores, o tipo de solicitação programática faziam da escola um laboratório que impedia a acomodação e o exercício da "educação bancária".

Dediquei-me, particularmente, ao projeto de instalação do curso supletivo Equipe considerado, na época, pioneiro em suas propostas de implementação daquela modalidade de ensino. Ministrava, também, aulas de Literatura Brasileira e Portuguesa, partindo de uma visão multidisciplinar cujo objetivo era o de fazer com que os alunos se tornassem mais proficientes na leitura e produção de textos. Montamos, para tanto, um programa integrado onde estavam envolvidos os professores de Língua Portuguesa, Redação, Literatura, História Geral e do Brasil e Filosofia.

É claro que nem tudo foi dourado, os erros foram muitos, as brigas permanentes - nunca a capacidade para se administrar a crise foi tão exigida -, o final um pouco melancólico. Olhando para trás, no entanto, vejo a importância de haver passado por uma experiência que sonhava fazer da educação mais do que um ritual de mesmice e imobilismo.

Ainda em 1975, iniciei atividades em cursos superiores. Inicialmente nas Faculdades Integradas Alcântara Machado, onde permaneci até 1982, saindo por discordar dos

---

princípios e métodos ditados pela direção da escola. Como professor de Teoria e Comunicação, busquei desenvolver um trabalho voltado à reflexão acerca dos mecanismos da linguagem verbal no âmbito dos veículos massivos. Assim, o curso foi sendo direcionado para que o aluno pudesse problematizar a natureza e funcionalidade da linguagem verbal junto ao jornal, ao rádio, à televisão, ao cartaz publicitário, etc. O meu propósito era o de contribuir para a formação de um profissional consciente das manifestações discursivas, especialmente no que diz respeito àquelas de fortes consequências sociais como as trabalhadas pelos veículos de comunicação massiva. Uma correção: onde está escrito o meu objetivo era leia-se continua sendo.

Essas reflexões acerca da linguagem e dos fenômenos vinculados à comunicação de massa foram levadas, a partir de 1982, para o curso que passei a ministrar na Escola Superior de Propaganda e Marketing, junto à disciplina de Comunicação e Expressão. Aqui, procurei elaborar melhor duas vertentes que devem ser consideradas por um estudante da área de Publicidade e Marketing: de um lado, o amadurecimento de uma consciência sociolinguística e, de outro, a discussão acerca das vinculações existentes entre o signo e a ideologia. Noutras palavras, considerar a questão da existência dos múltiplos registros linguísticos e seus nexos ideológicos é importante para se perceber algumas das dimensões do poder de que a linguagem é dotada.

---

Permaneci na Escola até 1987 sem que os alunos reclamassem ou deixassem de comparecer às aulas. Posso concluir que prezavam o curso, conquanto nenhum questionário tivesse sido respondido para se garantir a veracidade dos meus sentimentos.

Se fosse adepto do jogo do bicho, sem dúvida buscaria um jeito de marcar o número 1982. Neste ano, iniciei algumas experiências de trabalho, inclusive na Faculdade Ibero-Americana, onde fiquei até 1987 como docente da disciplina Língua Portuguesa: Texto. O nome já era um enigma a ser decifrado pelos alunos e, no começo, pelo professor. Percebeu-se, depois, tratar-se de uma reflexão acerca das modalidades discursivas e suas ligações com teorias da linguagem. Consideradas as singularidades naturais afeitas às carreiras de Letras, Tradutor e Intérprete, próprias daquela instituição, busquei dar continuidade à visão acerca dos estudos de linguagem - já referida noutros passos deste memorial - que vincula palavra/mundo, signo/consciência, signo/ideologia, texto/contexto, relações inter/extra lingüísticas. Agregue-se, ainda, o fato de que, na Ibero, desenvolvi dois objetivos específicos: um prático e outro metodológico. No primeiro caso, o de fornecer recursos técnicos para se fazer uma leitura proficiente do texto, considerando-se aqueles aspectos postos no plano mais estrito do enunciado. No segundo, o de trabalhar as idéias segundo a qual tais procedimentos só completam as isotopias significativas caso possam ser relacionadas às séries históricas, culturais, sociais, ideológicas, etc. Pretendi, em última

---

---

instância, fazer com que os futuros tradutores e intérpretes lessem de modo menos ingênuo os discursos científicos e literários.

Agora posso garantir que os alunos gostaram das aulas: recebi cartão de prata, fui paraninfo de algumas turmas de formandos, e me vi naquela incômoda situação de proferir discursos no auditório do Anhembi. Toda esta lisonja está aqui referida não por uma atitude cabotina, tampouco para impressionar um leitor tão infenso quanto o deste memorial, mas apenas para lembrar, com uma inequívoca ponta de orgulho, de gestos cuja sinceridade e singeleza ajudaram-me a continuar exercitando uma profissão que, naquele momento, lembrava-me o estranho sentimento de fadiga poetizado por Fernando Pessoa: cansaço não disto ou daquilo, mas cansaço, ele mesmo cansaço.

De certa forma, o ingresso em 1986, na Escola de Comunicações e Artes, permitiu-me retomar de maneira sistemática o circuito pesquisa/docência, da qual havia me afastado em virtude das dezenas de aulas ministradas semanalmente nas faculdades particulares e no cursinho Universitário. Creio ser desnecessário declinar as razões.

O curso que desenvolvemos em Comunicação Lingüística/Língua Portuguesa - e uso aqui o plural pelo fato de falar de práticas e objetivos que sendo meus pertencem também aos colegas de cadeira - parte do pressuposto teórico de que a linguagem é não apenas um "meio de expressão", "instrumento" ou "expediente de embelezamento da idéia", mas sobretudo uma forma

---

---

de ação que tanto vela como desvela realidades e situações. Neste sentido, entendemos que o comunicador deve desenvolver a consciência segundo a qual a linguagem é um fazer marcado por diferentes articulações com a sociedade e com as ideologias. Não é difícil perceber nesta idéia a inegável influência do pensamento de Mikhail Bakhtin.

O curso é ministrado para os alunos do ciclo básico e representa uma continuidade aprofundada e melhor sistematizada de preocupações que venho apontando nesse memorial como fazendo parte do meu percurso intelectual e cujos resultados podem ser aferidos, em seus diferentes níveis, tanto nos trabalhos dos discentes quanto nos livros, artigos, monografias e teses que tenho escrito.

Vale ressaltar, ainda que de passagem, o fato de o curso estar estruturado em três semestres. O primeiro é dedicado à reflexão acerca da natureza da linguagem verbal e suas formas de inserção nas manifestações artísticas e nos meios de comunicação de massa. No segundo semestre tais considerações são retomadas com o intuito de se levar o aluno à produção escrita de programas de rádio, vídeo, audiovisual, etc. No fundo, com a realização destas atividades, busca-se verificar até onde as discussões sobre a linguagem verbal foram suficientes para permitir aos alunos operarem adequações discursivas requisitadas pelos diferentes veículos de comunicação. O último semestre é reservado ao estudo dos mecanismos de produção de textos argumentativos; ou seja, enfoca-se o problema - central num curso

---

---

de comunicações - da constituição da variável persuasiva do discurso.

A partir de 1987, com a aceitação pela CERT - Comissão Especial de Regimes de Trabalho -do plano de pesquisa que apresentei para fins de passagem do tempo parcial para o integral, pude dedicar-me exclusivamente à Escola de Comunicações e Artes. Desde então desempenho atividades de pesquisa, docência e prestação de serviços à sociedade. Em junho de 1990 tive aprovado pela CERT o estágio de experimentação, mediante entrega das conclusões da pesquisa proposta e que ampliada e retrabalhada resultou em minha tese de doutorado: Os caminhos da salvação: modos de ver e de compor em Os jagunços, de Afonso Arinos.

Em 1991 iniciei atividades em nível de pós-graduação ministrando a disciplina: Linguagem e representação: a experiência de Canudos. Essa, com algumas adaptações, foi retomada no 2º semestre de 1992.

## 2.6. A ÚLTIMA CENA (POR ENQUANTO...)

Tentei mostrar, até aqui, aspectos que reputo substantivos para comporem o meu roteiro de docente e pesquisador, falta uma observação sobre o consignado no regimento geral da Universidade de São Paulo como a terceira obrigação contratual dos professores: a prestação de serviços à sociedade.

---

Ainda que considere a tripartição um tanto desajeitada, penso que estender serviços é disseminar saberes, conhecimentos, fazendo retornar, enfim, à sociedade o produto de um trabalho gestado numa instituição pública, como é o caso da USP. Às vezes, esta prestação de serviços tem ocorrida através de uma inserção bem definida junto a certos setores profissionais, como no caso dos programas de formação permanente dos professores da rede pública municipal e estadual em São Paulo. Faço menção a este exemplo, diretamente vinculado aos problemas da educação, por estar com ele comprometido há muito tempo.

Já no início de 1980 passei a colaborar na organização da APLL (Associação de Professores de Língua e Literatura), da qual fui vice-presidente e presidente. A entidade patrocinou encontros, cursos, palestras, atividades junto à SBPC, sempre com o intuito de aproximar a pesquisa universitária dos professores de 1º e 2º graus. De muitas destas atividades participei diretamente, ajudando a organizar outras, como se lerá nos documentos agregados em outra parte do memorial. Entendo ter havido, aqui, mesmo sem qualquer recomendação regimental, um engajamento resultante da vontade de ver dinamizada a relação entre o saber produzido na academia e as necessidades da rede de ensino de 1º e 2º graus. Boa parte da ação desenvolvida pela APLL está registrada em documentos e revistas, particularmente no livro Língua e Literatura: o professor pede a palavra, editado pela Cortez.

---

Após haver ingressado na Universidade de São Paulo, continuei ministrando cursos e palestras com vistas à formação continuada do educador em serviço.

Em 1989, juntamente com colegas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Faculdade de Educação, dos Institutos de Física e Matemática, todos da USP, e do Instituto de Estudos de Linguagem da UNICAMP, iniciei a implantação de proposta de Reorientação Curricular e Formação de Professores com vistas à Interdisciplinaridade junto às escolas municipais de São Paulo. Graças ao convênio firmado entre a USP e a Secretaria Municipal de Ensino foi possível aos docentes desta Universidade participarem da organização das primeiras dez escolas-piloto que abrigaram a proposta. Hoje, em diferentes níveis, as quase quatrocentas escolas que compõem a rede municipal estão integradas ao trabalho.

Continuo assessorando o programa, não só pelo que me parece representar em termos de contribuição para ajudar no replanejamento de currículos e no redirecionamento da forma de se tratar o conhecimento, mas também por traduzir o velho sonho de ver redignificada a escola pública.

No intuito de avaliar academicamente esta experiência elaborei, junto com os profs. Drs. João Wanderley Geraldi (UNICAMP), Lígia Chiappini Moraes Leite e Helena Nagamini Brandão (FFLCH/USP), projeto integrado de pesquisa, financiado pelo CNPq e FAPESP, onde estão envolvidos vinte bolsistas de iniciação científica e aperfeiçoamento, sob o título geral de "A

---

circulação dos textos na escola". Ocupo-me, particularmente, de uma vertente do projeto afeita à pesquisa das formas de presença, na sala de aula, da linguagem verbal veiculada pelos meios de comunicação de massa. Neste sentido, objetiva-se a verificar em que medida os discursos não tradicionalmente vinculados à prática escolar - casos da televisão, do rádio, do outdoor, etc. - penetram no cotidiano dos alunos (re)configurando a escrita, a leitura, os jogos dialogais, os debates de classe. A pesquisa deverá estar concluída em três anos.

\* \* \* \* \*

Work in progress. O movimento de recuperação da memória aqui empreendido, malgrado lhe falte a força do melete mnemes, buscou entender o fluxo vivido não apenas enquanto sucessão de imagens congeladas no passado, mas também como fonte de uma experiência que se reatualiza no presente.

Trabalhando, hoje, com mais ênfase na área de comunicações, no estudo das formas verbais operadas pela mídia, percebo que antigas preocupações continuam a perseguir-me. Os textos doutrinários de Monteiro Lobato, conquanto relidos e repensados, teimam em se manter ao lado de outros que se dedicam a falar em análise do discurso, em teoria da linguagem, em

---

simbólica, simulacro, reificação, signo, recepção crítica, etc.

É por isso, talvez, que as minhas atividades nos últimos anos registrem um percurso movido por duas frentes de preocupações: de um lado, o olhar sobre os veículos de massa e o modo como eles operam a linguagem verbal e de outro, as duas décadas de convivência com a renitente senhora desafio: educação. E a uní-las a vertigem, a instigação, o estímulo de pensar o processo educacional em uma sociedade de massas: roseana exigência - travessia.

---

I I - C U R R I C U L U M V I T A E

(circunstanciado)

---

---

**1. DADOS PESSOAIS**

Nome: ADILSON ODAIR CITELLI

Nacionalidade: brasileira

Nascimento: 19 de abril de 1948

Local: Adamantina. Estado de São Paulo

Filiação: Belarmino Citelli  
Olga Romanini Citelli 1

Estado civil: casado 2

Endereço: Rua Padre Bento Dias Pacheco, 29  
CEP 05427 - São Paulo, SP.

Telefone: 814.5239

R.G.: 4.417.667 - SSP-SP 1

C.I.C.: 685.281.598-68 3

Certificado Militar: 567.641 - série B. 2ª RM. 6ª CSM 4

Título Eleitoral: 861722901-83 - 251ª zona - 0039 Seção 5

## 2. FORMAÇÃO EDUCACIONAL

### 2.1 - CURSOS DE PRIMEIRO GRAU

1956/1959. CURSO PRIMÁRIO realizado no Primeiro Grupo  
Escolar de Adamantina. (ESP) 6

1960/1964. CURSO GINASIAL realizado no Instituto  
Educativo de Adamantina. 7

### 2.2 - CURSOS DE SEGUNDO GRAU

1965/1967. CURSO COLEGIAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PRIMÁRIOS realizado no Instituto de Educação  
Estadual "Helen Keller", de Adamantina. 8

### 2.3 - CURSOS SUPERIORES

1968/1973. BACHAREL EM LETRAS pela Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. 9

1973/1973. LICENCIADO EM LETRAS pela Faculdade de  
Educação da Universidade de São Paulo. 10

---

## 2.4 - CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

2.4.1 - 1975/1977. MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação dos profs. Drs. José Carlos Garbuglio e Alfredo Bosi (substituto). 11

### 2.4.1.1 - CURSOS REALIZADOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE.

ANÁLISE LITERÁRIA GERAL (Leitura Ideológica dos Textos Literários).

1º semestre de 1975.

Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza

Nível A

11

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO MEMORIAL DE AIRES, DE MACHADO DE ASSIS.

2º semestre de 1975.

Prof. Dr. Alfredo Bosi

Nível A

11

---

EVOLUÇÃO DAS IDÉIAS CRÍTICAS NA LITERATURA

BRASILEIRA - II - MODERNISMO.

1º semestre de 1976

Prof. Dr. José Aderaldo Castelo

Nível A

11

ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS

1º semestre de 1976

Coordenador: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

Nível A

11

O REGIONALISMO: A FICÇÃO DE GUIMARÃES ROSA

2º semestre de 1976

Prof. Dr. José Carlos Garbuglio

Nível A

11

SOCIOLOGIA DA LITERATURA (Problemas da  
Personalidade através da Literatura)

1º semestre de 1977

Prof. Dr. Rui Coelho

Nível A

11

- 
- 2.4.1.2 - Dissertação: O MUNDO DO SILÊNCIO = ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE PELO SERTÃO, DE AFONSO ARINOS. Defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 20 de abril de 1982, perante banca composta pelos profs. Drs. Alfredo Bosi (orientador substituto), Ligia Chiappini Moraes Leite e Zenir Campos Reis, tendo obtido nota 9,75 com distinção. 11
- 2.4.2 - 1987/1990. DOUTORADO EM LITERATURA BRASILEIRA, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Garbuglio. 12
- 2.4.2.1 - CURSOS REALIZADOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR
- O ROMANTISMO BRASILEIRO = ALENCAR E O INDIANISMO  
2º semestre de 1987  
Prof. Dr. Jean Michel Massa (CNMRS)  
Nível A 12
-

DIVERSIDADE E UNICIDADE DOS DISCURSOS

2º semestre de 1987

Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega

Nível A

12

2.4.2.2 - Tese. OS CAMINHOS DA SALVAÇÃO = MODOS DE VER  
E DE COMPOR OS JAGUNÇOS, DE AFONSO ARINOS.

Defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e  
Letras da Universidade de São Paulo, em 24 de  
abril de 1990, perante banca formada pelos  
profs. Drs. José Carlos Garbuglio (orientador),  
Benjamin Abdalla Jr., Boris Chnaiderman, Flávio  
Wolf de Aguiar e Solange Martins Couceiro,  
tendo obtido nota 10,0 com distinção.

12

---

### 3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- 1972/73. Fisk Schools. São Paulo. PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA. 13
- 1974/75. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas do Estado de São Paulo. PROFESSOR DE PORTUGUÊS no Convênio SINDICATO/SENAI (Serviço Social da Indústria) 14
- 1975/81. Grupo Educacional Equipe. São Paulo. PROFESSOR DE LITERATURA BRASILEIRA E PORTUGUESA. 14
- 1975/82. Faculdades Integradas Alcântara Machado (Associação de Cultura e Ensino). São Paulo. PROFESSOR TITULAR DA DISCIPLINA TEORIA DA COMUNICAÇÃO. Curso de Comunicação Social. 15
- 1977/77. Centro Educacional Sagarana. São Paulo. PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA. 16
- 1982/87. Curso Universitário. São Paulo. PROFESSOR DE LITERATURA BRASILEIRA E PORTUGUESA. 17
-

- 
- 1982/87. Escola Superior de Propaganda e Marketing.  
São Paulo. PROFESSOR TITULAR DE COMUNICAÇÃO E  
EXPRESSÃO. 18
- 1982/87. Faculdade Íbero-Americana de Letras e Ciências  
Humanas. São Paulo. PROFESSOR DE LÍNGUA  
PORTUGUESA para os cursos de Tradutor e  
Intérprete. 19
1986. Universidade de São Paulo. Escola de  
Comunicações e Artes. Departamento de  
Comunica-ções e Artes.  
Aprovado em concurso público de seleção  
interna para a cadeira de COMUNICAÇÃO  
LINGUÍSTICA/LÍNGUA PORTUGUESA.  
A partir de 08 de junho de 1986, enquadrado na  
situação funcional de PROFESSOR ASSISTENTE  
MS2, em Regime de Tempo Parcial (RTP). 20  
Em janeiro de 1987, aceito no Regime de  
Dedicação Integral à Docência e Pesquisa, tem  
aprovado, em 07 de junho de 1990 (Parecer  
CERT.888/90), relatório de pesquisa  
considerando encerrado estágio de  
experimentação em RDIDP. 21
-

---

Em 24 de abril de 1990, passa à referência MS3, professor Doutor, segundo termo de aditamento nº 1898/90, da Universidade de São Paulo. 22

Em 02 de maio de 1992, o contrato de trabalho com a Universidade de São Paulo foi prorrogado por mais três anos (1095 dias). 23

### 3.1 - ATIVIDADES DIDÁTICAS NA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

#### 3.1.1 - GRADUAÇÃO

. PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO LINGUÍSTICA / LÍNGUA PORTUGUESA para os alunos do ciclo básico de Comunicações e Artes, desde 1986. 24

. PROFESSOR DE CURSOS OPTATIVOS abertos à comunidade USP. 25

---

### 3.1.2 - PÓS-GRADUAÇÃO

. PROFESSOR, nos segundos semestres de 1991 e 1992, DA DISCIPLINA: LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO, A EXPERIÊNCIA DE CANUDOS. 26

### 3.1.3 - ESPECIALIZAÇÃO

1989. PROFESSOR do Curso de Especialização para a FORMAÇÃO DE AGENTES EDUCACIONAIS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL. Promoção ECA/USP. Disciplina ministrada: LINGUAGEM DA COMUNICAÇÃO. Coordenador - Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares. 27

1991. PROFESSOR do Curso de Especialização em HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Disciplina ministrada: ASPECTOS DA NARRATIVA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Coordenador - Prof. Dr. Waldomiro C. S. Vergueiro. 28

---

#### 4. ATIVIDADES CIENTÍFICO-ACADÊMICAS

##### 4.1 - CURSOS

###### 4.1.1 - FREQUENTOU

1974. Universidade de São Paulo. A CULTURA BRASILEIRA  
NA DÉCADA DE 40. Organizador. Prof. Dr. José  
Aderaldo Castelo. 29
1988. Universidade de São Paulo. INTRODUÇÃO À  
INFORMÁTICA. Coordenação. Prof. Dr. Osvaldo  
Sangiorgi. 30
1992. Universidade de São Paulo. CURSO DE INFORMÁTICA:  
LINGUAGEM WORD. 31

---

#### 4.1.2 - MINISTROU

1987. Curso de 30 horas, "ESQUEMAS ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS", para os professores de Português da Rede Pública do Estado de São Paulo (P.III). Convênio USP/CENP/SEE. 32
1989. CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA para os funcionários da Escola de Comunicações e Artes. 33
1991. CURSO PARA PROFESSORES DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS. Promoção da Associação de Professores de Língua e Literatura. São Paulo. Módulo: LINGUAGEM E PERSUASÃO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA. 34
1991. CURSO DE PORTUGUÊS para professores da Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo. Módulo: VISÃO DE ÁREA, REFERÊNCIAS CONCEITUAIS E CAPACIDADES OPERACIONAIS DA LINGUAGEM. Promoção. Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo. 35
1992. Curso de 32 horas para os professores de Português das escolas alemãs. Promoção. IBPA (Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha). São Paulo. Título do Curso: LÍNGUA PORTUGUESA: OFICINA DE TEXTOS. 36
-

1992. Fundação São João Del Rey (Universidade Federal de Minas Gerais). Curso de 15 horas aberto à comunidade. Título: LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE CANUDOS.

37

---

## 4.2 - CONGRESSOS

### 4.2.1 - APRESENTOU TRABALHO

1988. Congresso Brasileiro de Educação. Brasília. Apresentador, na condição de representante da Associação de Professores de Língua e Literatura, da "PROPOSTA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL".

38

### 4.2.2 - ORGANIZOU

1986. Participação da Associação de Professores de Língua e Literatura, na 38ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Curitiba. Incluindo-se:

- a) Solicitação de auxílio junto ao CNPq para os inscritos pela APLL;
- b) Envio ao CNPq do relatório final da participação da APLL.

39

1987. Participação da Associação de Professores de Língua e Literatura, na 39ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Brasília. Incluindo-se:

- a) Solicitação de auxílio junto ao CNPq para os inscritos pela APLL;
- b) Envio ao CNPq do relatório final da APLL.

40

---

#### 4.3 - ENCONTROS

##### 4.3.1 - PARTICIPOU

1979. Faculdades Integradas Alcântara Machado.  
PRIMEIRO ENCONTRO EDUCACIONAL. São Paulo. 41
1982. Associação de Professores de Língua e Literatura.  
V ENCONTRO. São Paulo. Total de 32 horas. 42
1985. Associação de Professores de Língua e Literatura.  
VIII ENCONTRO. São Paulo. Total de 32 horas. 43
1987. Associação de Professores de Língua e Literatura.  
IX ENCONTRO. São Paulo. Total de 32 horas. 44
1992. Secretaria da Educação do município de São Paulo.  
II ENCONTRO REGIONAL DAS ESCOLAS DO PROJETO DE  
INTERDISCIPLINARIDADE. 45

---

#### 4.3.2 - COORDENOU

1986. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
38ª reunião anual. Curitiba. Coordenou o  
ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA E  
LITERATURA. 46

1987. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
39ª reunião anual. Brasília. Coordenou o  
ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA E  
LITERATURA. 47

1987. Coordenou, com a profa. Dra. Maria Helena Martins  
UFRGS/USP, o IX ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUA  
E LITERATURA e 4º seminário aberto do "Estágio de  
Formação do Educador em Serviço. Colaboração.  
MEC/SESU - Secretaria de Educação do Estado de  
São Paulo. 48

#### 4.3.3 - APRESENTOU TRABALHO

1988. 3º Encontro de Vídeo na Educação. Tema: "A  
TELEVISÃO SEM TELEVISÃO NA SALA DE AULA".  
Promoção: Associação Brasileira de Tecnologia  
Educativa. São Paulo. 49

- 
1991. Faculdade Íbero Americana de Letras e Ciências Humanas. II Encontro de Língua e Literatura. Trabalho apresentado: TEXTO E DISCURSO (dia 30 de setembro). 50
1991. Faculdade Íbero Americana de Letras e Ciências Humanas. II Encontro de Língua e Literatura. Trabalho apresentado: A LINGUAGEM PERSUASIVA (dia 01 de outubro). 51
1992. Secretaria da Educação do município de São Paulo. II Encontro regional das escolas participantes do projeto de interdisciplinaridade. Prefeitura do Município de São Paulo. Trabalho apresentado: LINGUAGEM / ENSINO / SOCIEDADE: MEDIAÇÕES. 52

#### 4.4 - COLÓQUIOS

##### 4.4.1 - APRESENTOU TRABALHO

1986. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo.  
Fundação Casa de José Américo. João Pessoa,  
Paraíba. Colóquio sobre Regionalismo literário.  
Trabalho apresentado: "ANTES DO FOX-TROTTE: DE  
COMO BOTARAM O REGIONALISMO NA RETAGUARDA".

53

#### 4.5 - SEMINÁRIOS

##### 4.5.1 - NACIONAIS

##### 4.5.1.1 - COORDENOU

1987. Coordenou, com a profa. Dra. Maria Helena Martins, o 4º seminário aberto do "Estágio de Formação do Educador em Serviço". Colaboração do Ministério da Educação e Cultura / Universidade de São Paulo / Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Cidade Universitária / USP. Tema: PROPOSTAS PARA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO ALTERNATIVO.

ver  
doc.  
48

##### 4.5.1.2 - PARTICIPOU

1989. Seminário: "AS TEORIAS DA ARTE: ENSAIO SOBRE AS VINCULAÇÕES ENTRE ARTES, LINGUAGEM E DESEJO". Coordenação: Prof. Dr. Armando Silva (Universidad Nacional de Bogotá). Promoção: ABPA, CESA, CCA.

54

---

1989. I SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE DRAMATURGIA DA  
TELENOVELA. Promoção: Memorial da América Latina  
/ USP / CCA / CAC / ECA.

55

#### 4.5.2 - INTERNACIONAIS

##### 4.5.2.1 - DEBATEU

1991. Centro Angel Rama / FFLCH / USP. Seminário  
Internacional "Literatura e História na América  
Latina". Debatedor na conferência "DEL BARROCO  
AL NEOBARROCO: FUENTES COLONIALES DE LOS TIEMPOS  
POSTMODERNOS (EL CASO MEXICANO). Expositor:  
Serge Gruzinsky (CNRS).

56

---

#### 4.6 - MESAS-REDONDAS

##### 4.6.1 - APRESENTOU TRABALHO

1980. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
Rio de Janeiro. Tema: "O ENSINO DE LITERATURA NO  
SEGUNDO GRAU". 57
1986. Faculdades Integradas Alcântara Machado. São  
Paulo. Tema: "A QUESTÃO DO CARNAVAL". Atividade  
gravada em vídeo para a série: Identidade  
Cultural. 58
1986. III Seminário Aberto de Formação do Educador em  
Serviço. FFLCH-USP. Tema: "A QUESTÃO DA  
INTERDISCIPLINARIDADE". 59
1989. Universidade Paulista (UNIP). Tema: "O ENSINO DE  
PORTUGUÊS NO PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS". 60

---

#### 4.7 - SIMPÓSIOS

##### 4.7.1 - APRESENTOU TRABALHO

1984. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
São Paulo. 36ª reunião anual. Tema:  
"REGIONALISMO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE". 61
1987. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
São Paulo. 36ª reunião anual. Tema: "IDENTIDADE  
NACIONAL: DESDOBRAMENTOS". 62
1988. FEUSP / ECAUSP / UCBC / ABT / IAC / PUCCAMP. I  
Simpósio Brasileiro sobre Comunicação.  
Temas:
- . Dia 18.08. "A RELAÇÃO PROFESSOR - DISCURSOS  
TELEVISIVOS - ESTUDANTES". 63
  - . Dia 20.08. "OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO  
RECURSO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O  
FAZER CRÍTICO E A RESISTÊNCIA CULTURAL". 64
1988. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
São Paulo. 40ª reunião anual. Tema: "LEITURAS  
DO BRASIL". 65
-

- 
1988. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
São Paulo. 40ª reunião anual. Coordenou o  
simpósio Crise da leitura no segundo grau e na  
universidade e apresentou o trabalho "CRISE DA  
LEITURA NO SEGUNDO GRAU E NA UNIVERSIDADE". 66
1992. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
São Paulo. 44ª reunião anual. Tema: "AS VISÕES  
DE ÁREAS ESPECÍFICAS NO PROJETO DE REORIENTAÇÃO  
CURRICULAR, PELA VIA DA INTERDISCIPLINARIDADE". 67

---

#### 4.8 - PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

##### 4.8.1 - PROFERIU

1985. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Tema: "ASPECTOS DA RETÓRICA PERSUASIVA". 68
1987. Fundação Educacional de Votuporanga. Votuporanga (ESP). Tema: "LINGUAGEM E PERSUASÃO". 69
1987. Estágio de Formação do Educador em Serviço. Cidade Univesitária. USP. Tema: "MECANISMOS DE ARGUMENTAÇÃO NO TEXTO DIDÁTICO". 70
1987. Estágio de Formação do Educador em Serviço. Cidade Univesitária. USP. Tema: "O TRABALHO COM A LINGUAGEM". 71
1987. UNESP. Campus de Franca (ESP). VI Semana do Serviço Social. Tema: "A LINGUAGEM E O PODER NAS RELAÇÕES HUMANAS". 72
1987. Faculdade Nossa Senhora Medianeira. São Paulo. Tema: "LINGUAGEM E PODER". 73
-

- 
1988. Fundação para o Desenvolvimento Escolar (FDE).  
Palestra para representantes da FDE nas  
Delegacias Regionais de Ensino e monitores do  
Ciclo Básico da Secretaria Estadual de Educação.  
Tema: "CONCEITOS DE LEITURA". 13 de agosto. 74
1988. Fundação para o Desenvolvimento Escolar (FDE).  
Palestra para representantes da FDE nas  
Delegacias Regionais de Ensino e monitores do  
Ciclo Básico da Secretaria Estadual de Educação.  
Tema: "CONCEITOS DE LEITURA". 20 de setembro. 75
1990. Convênio Prefeitura Municipal de São Paulo /  
CECAE-USP. Palestras para grupos de professores  
da rede municipal de ensino, num total de 12  
horas. Dias 20 e 21 de fevereiro. Tema: "A  
QUESTÃO DA LEITURA". 76
1990. Colégio Galileu Galilei. São Paulo. Tema:  
"LINGUAGEM E ARGUMENTAÇÃO". 77
1992. Grupo Educacional Adamantinense. Adamantina.  
SP. Tema: "LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO". 78
1992. UNESP. Campus São José do Rio Preto. Tema:  
"ALGUNS MECANISMOS PERSUASIVOS DO DISCURSO". 79
-

---

#### 4.9 - PÓS-GRADUAÇÃO

##### 4.9.1 - CURSOS MINISTRADOS JUNTO AO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES (ver 3.1.2)

##### 4.9.2 - MEMBRO DE BANCAS DE QUALIFICAÇÃO

1990. Candidato. Alexandre Agabiti Fernandes. Nível:  
mestrado.

Orientador: Profa. Dra. Mary Eunice Ramalho de  
Mendonça.

Instituição: Departamento de Comunicações e  
Artes. ECA/USP.

80

##### 4.9.3 - MEMBRO DE BANCAS DE MESTRADO

1991. Candidato: Roseni Cecília Calza Terrazzan.

Orientador: Prof. Dr. José Amálio de Branco  
Pinheiro.

Instituição: Departamento de Comunicação e  
Semiótica. Pontifícia Universidade Católica. SP.

81

---

1991. (Suplente) Candidato: Sônia Irene do Carmo.  
Orientador: Profa. Dra. Maria Tereza Fraga Rocco  
Instituição: Faculdade de Educação / USP. 82

1991. (Suplente) Candidato: Alexandre Agabiti Fernandes  
Orientador: Profa. Dra. Mary Eunice Ramalho de  
Mendonça.  
Instituição: Departamento de Comunicações e Artes  
/ ECA / USP. 83

1991. Candidato. José Alcides Ribeiro  
Orientador: Prof. Dr. José Amálio de Branco  
Pinheiro  
Instituição: Departamento de Comunicação e  
Semiótica. Pontifícia Universidade Católica. SP. 84

#### 4.9.4 - MEMBRO DE BANCAS DE DOUTORADO

1991. Candidato: Valentim Aparecido Faccioli  
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Garbuglio  
Instituição: Departamento de Literatura  
Brasileira. FFLCH/USP 85

1992. Candidato: Guaraciaba Micheletti

Orientador: Prof. Dr. Davi Arrigucci Jr.

Instituição: Departamento de Teoria Literária e  
Literatura Comparada. FFLCH / USP

86

4.9.5 - MEMBRO DE BANCAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO (TCC)

1991. Candidata: Christina Ayumi Futida

Orientador: Profa. Maria Otilia Bocchini

Instituição: Departamento de Jornalismo e  
Editoração. ECA / USP.

87

---

#### 4.10 - PROJETOS DE PESQUISA

##### 4.10.1 - FINANCIADOS

Projeto Integrado de Pesquisa e Projeto Temático de Equipe "A circulação do Texto Escrito na Escola" e "A circulação dos Textos na Escola", financiados, respectivamente, pelo CNPq (proc. 350.660/91-3) e FAPESP (proc. 91/3501-0). Participação dos profs. Drs. Ligia Chiappini Moraes Leite (FFLCH/USP) (Coordenadora Geral); Adilson Odair Citelli (ECA/USP) (sub-coordenador); João Wanderley Geraldi (UNICAMP) (sub-coordenador) e Helena Nagamini Brandão (FFLCH/USP) (sub-coordenadora). O projeto conta com 20 pesquisadores de iniciação científica e aperfeiçoamento.

Duração da pesquisa: dois anos FAPESP e três anos CNPq.

88

Início: 1992.

89

##### 4.10.1.1. ORIENTANDOS NO PROJETO

Os pesquisadores abaixo discriminados estão sob minha orientação.

4.10.1.1.1 - INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Carla Lapenda e José Luiz de Miranda

4.10.1.1.2 - APERFEIÇOAMENTO

Eliana Nagamini, Fernando Valeriano e Kazuko Iguchi (bolsa já aprovada esperando liberação de recursos do CNPq).

Obs.: Todos são bolsistas do CNPq.

90

---

**5 - ATIVIDADES TÉCNICO-ADMINISTRATIVAS**

1987. Professor responsável pela coordenação do curso de Estudos de Problemas Brasileiros. 1º e 2º semestres. Graduação ECA/USP. 91
1987. Designado pelo Departamento de Comunicações e Artes para coordenar os 3º e 5º semestres matutinos dos Cursos da Escola de Comunicações e Artes. 92
1989. Eleito representante do Departamento de Comunicações e Artes, pelo período de dois anos, para a Comissão de Graduação da Escola de Comunicações e Artes. 93
1990. Designado pela portaria nº 24 do Sr. Diretor da ECA, para integrar mesa receptora e apuradora dos representantes do corpo discente junto ao Conselho Universitário. 94
1990. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para compor a comissão de estudos e preparação do projeto para implantação

- 
- do bacharelado e licenciatura em Comunicação e Educação. 95
1990. Designado pela chefia do Departamento de Comunicações e Artes para elaborar e avaliar as provas para os candidatos às vagas remanescentes dos cursos da Escola de Comunicações e Artes. Área de Comunicação. 96
1990. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para formar a comissão conjunta ECA / FEUSP para estudo e revisão do projeto de bacharelado em Comunicação e Educação. 97
1991. Eleito membro do Conselho do Departamento de Comunicações e Artes. 98
1991. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para rever e acompanhar a tramitação final do projeto de criação do bacharelado em Comunicação e Educação. 99
1991. Membro da banca escrutinadora da consulta para indicação do representante do Departamento de Comunicações e Artes junto à Comissão de Pós-
-

- 
- Graduação da ECA e da Comissão de Pós-Graduação do Departamento de Comunicações e Artes. 100
1991. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para elaborar as justificativas para contratação, recontratação e mudanças de regime de trabalho dos professores da ECA. Of. CERT. 01/91. 101
1991. Designado pelo Conselho Departamental para representar o Departamento de Comunicações e Artes na reunião do grupo 2 do fórum para a reformulação dos cursos de Licenciatura na USP. 102
1991. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para compor banca receptora e apuradora das eleições para representantes do CCA junto à Comissão de graduação da ECA. 103
1992. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para presidir Comissão Interna de Informatização do Departamento. 104

1992. Designado pelo Conselho do Departamento de Comunicações e Artes para compor a Comissão de formulação do Projeto de Pós-Graduação do Departamento. Atividade concluída. Projeto aprovado pelas instâncias decisórias da ECA e sendo apreciado pela CPG/USP.

105

---

**6 - ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

1989. Membro da Equipe ligada ao Programa de Integração Universidade de São Paulo / Escola Pública. Convênio CECAE / USP / Secretaria Municipal do Ensino de São Paulo. 106
1990. Continuidade das atividades do Programa. 106
1990. Curso de extensão universitária "Brasil, sua gente e sua cultura". Promoção: Secretaria do Estado da Cultura / Casa de Cultura Mazaroppi. Núcleo: Literatura Brasileira. 107
1991. Continuidade das atividades do Programa. 106
1991. Curso de extensão universitária ministrado para jornalistas angolanos. "I Programa de Reciclagem de Jornalistas Angolanos". Convênio ECA/USP/ República Popular de Angola. Curso de 30 horas: "Meios de Comunicação: Argumentação e Persuasão". 108
1992. Curso de extensão universitária "Brasil, sua gente, sua cultura". Promoção: ECA / USP / CCINT / USP. Núcleo: Literatura Brasileira. 109
-

1992. Continuidade das atividades do Programa.

106

---

**7 - ATIVIDADES DE ASSESSORIA E CONSULTORIA**

1988. Membro do conselho consultivo da Associação de Professores de Língua e Literatura. 110
1988. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro do Comitê Revisor dos trabalhos inscritos para a Reunião Anual da SBPC. Área: Ciências do Homem. 111
1989. Membro da assessoria da Universidade de São Paulo à Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo, através do Convênio USP-CECAE/SME. 112 e 106
1989. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro do Comitê Revisor dos trabalhos inscritos para a Reunião Anual da SBPC. Área: Ciências do Homem. 113
1990. Membro da assessoria da Universidade de São Paulo à Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo, através do Convênio USP-CECAE/SME. 112 e 106

- 
1990. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
Membro do Comitê Revisor dos trabalhos inscritos  
para a Reunião Anual da SBPC. Área: Ciências do  
Homem. 114
1991. Membro da assessoria da Universidade de São Paulo  
à Secretaria Municipal de Ensino de São Paulo,  
através do Convênio USP-CECAE/SME. 112  
e  
106
1991. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
Membro do Comitê Revisor dos trabalhos inscritos  
para a Reunião Anual da SBPC. Área: Ciências do  
Homem. 115
1992. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.  
Membro do Comitê Revisor dos trabalhos inscritos  
para a Reunião Anual da SBPC. 116

---

**8 - PARTICIPAÇÃO EM DEBATES**

1983. Jornal Folha de São Paulo. FOLHA Debate. Membro da mesa "Debate sobre Alfabetização". Auditório da Folha de São Paulo. (22 de junho). 117
1987. Participação, como debatedor, no grupo de estudo "A geopolítica do Hemisfério Sul". Jornada da África. Promoção do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Jornal do Campus. Local: Instituto de Estudos Avançados. São Paulo. 118

---

**9 - ENTREVISTAS CONCEDIDAS**

1982. Jornal Folha de São Paulo. "Docentes repelem a punição por desídia". (23/09) 119
1982. Jornal A Gazeta de Pinheiros. "Você gosta de escrever? Por que não?" (15/10) 120
1983. Jornal A Gazeta de Pinheiros. "A Filosofia no segundo grau". (22/04) 121
1983. Jornal Folha de São Paulo. "Rede municipal de ensino nega o uso do Programa Alfa" (12/06) 122
1985. Revista Interação. nº 15. "Literatura: dificuldades na prática e na teoria". São Paulo, Editora Yazigi. 123
1986. Rádio Cultura. São Paulo (02/04). Programa dedicado a Mário de Andrade. Apresentador: Sérgio Grossmann. sem com-prova-ção
1990. Revista Veja (31/10). "Fera Radical". São Paulo, Ed. Abril. 124
-

1991. Revista Veja (31/07). "O charme do nome". São Paulo, Ed. Abril. 125
1991. Rádio Brasil de Adamantina. Adamantina (ESP) julho. "Educação e Comunicação." 126

---

**10. ATIVIDADES EDITORIAIS**

1986. Indicado como membro da Comissão de Publicações dos Cadernos do CCA. (Departamentos de Comunicações e Artes). 127
1986. Membro da Comissão de Publicações da Revista Linha D'Água. Associação de Professores de Língua e Literatura / SP. Período: dois anos. 128
1987. Eleito para a Comissão de Publicações da Revista Comunicações e Artes. Revista da Escola de Comunicações e Artes. Período: dois anos. 129
1988. Coordenação e participação no debate "Intervalo e Dialética", realizado em 06 de junho de 1988 e publicado na Revista Comunicações e Artes, nº 19, de agosto de 1988. Participantes: Haroldo de Campos (PUC), Carlos Vogt (UNICAMP), Júlio Plaza (ECA), Manoel Robilota (IFUSP). 130
1989. Participação no debate "Comunicações e Artes: Par ou dispar?" realizado pela Revista Comunicações e Artes e publicado no nº 20, de abril de 1989. 131
-

- 
1989. Designado pela chefia do CCA para elaborar projeto para a divulgação do material produzido no Departamento. 132
1989. Designado pela chefia do CCA para o Conselho Editorial da Revista Comunicações e Artes. Período: dois anos. 133
1989. Membro do Conselho Editorial da Revista Linha D'Água. Publicação semestral da Associação de Professores de Língua e Literatura / SP. Período: dois anos. 134

---

**11 - PARECERES EXARADOS**

1987. Parecer sobre o relatório de viagem da Profa. Dra. Lisbeth Rebolo Gonçalves (CCA-ECA), a Brasília para participar da SBPC. 135
1988. Pareceres para a Revista Comunicação e Artes. (ECA-USP)
- "Leonor de Mendonça e seu prólogo" de Maria Ortega Ortiz Assumpção. 136
- "Michael Jackson" de Joaquim Aguiar. 137
- "Sobre o paradoxo" de Eduardo B.V. Meditsch. 138
- "A Escola de Comunicações e Artes e sua história" de Maria Helena Pires Martins. 139
1990. Parecer sobre o procedimento para o diagnóstico do ensino de graduação na USP. 140
1990. Parecer sobre a estrutura curricular dos cursos de Cinema, Rádio e Televisão da ECA, para fins de regularização regimental. 141
1990. Parecer sobre a proposta da Profa. Dra. Jeanne Marie Machado de Freitas para obtenção de bolsa
-

- 
- de estudo para visita a universidades estrangeiras (Convênio BID/USP). 142
1990. Parecer sobre pedido de bolsa BID/USP solicitado pela profa. Dra. Elza Dias Pacheco, do CCA-ECA. 143
1990. Pareceres para a Revista Comunicações e Artes.  
"Histórias em quadrinhos e identidade nacional: o caso Pererê". 144  
"Produção cultural e resistência após 64" 145  
"Tecendo brechas: modernização econômico social no Jequitinhonha" 146
1991. Parecer sobre o relatório de atividades do Regime de Turno Completo, da profa. Maria de Lourdes Motter. CCA/ECA. 147
1991. Parecer para a recontração, pelo Departamento de Comunicações e Artes, da profa. Maria de Lourdes Motter. 148
1991. Pareceres para disciplinas componentes do projeto de pós-graduação em Estética e História da Arte:  
. A prática social da arte, da profa. Dra. Yolanda Lulhier dos Santos 149
-

- 
- . Criação e quantificação da informação na arte,  
do prof. Dr. Osvaldo Sangiorgi 149
- . A questão nacional e internacional da arte no  
Brasil, das profas. Dras. Elza M. Ayzemberg e  
Maria Heloisa Toledo Ferraz 149
1991. Parecer sobre o relatório de pesquisa para a  
CERT/RDIDP, do prof. Dr. Celso Frederico.  
CCA/ECA. 150

---

**12. BOLSAS RECEBIDAS**

- . Bolsista do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), proc. 350660/91-3, conta nº 212725, banco 001.0385-9, na condição de pesquisador 2C, pelo prazo de três anos, a contar de 08/91. Pesquisa "A circulação do texto escrito na escola".

151

---

**13. AUXÍLIO PESQUISA**

- . Auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para o Projeto Temático "A circulação dos textos na Escola", coordenado pela profa. Dra. Lígia Chiappini Moraes Leite, (ora afastada e substituída pelo prof. Dr. Adilson Odair Citelli) e sub-coordenado pelos profs. Drs. Adilson Odair Citelli (ECA-USP); Helena Nagamini Brandão (FFLCH/USP) e João Wanderley Geraldi (UNICAMP). Proc. nº 9113501-0. Conta º 43707090, banco 03.0105. Prazo do auxílio: dois anos.

ver  
docs.  
88  
e  
89

---

#### 14. ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO DOCENTE

1982. Eleito vice-presidente da Associação de Professores de Língua e Literatura (APLL) (período de dois anos). 152
1986. Eleito presidente da Associação de Professores de Língua e Literatura (APLL) (período de dois anos). 153
1989. Eleito representante da Escola de Comunicação e Artes junto ao Conselho da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (período de dois anos). 154

---

**15. HOMENAGENS RECEBIDAS**

1983. Paraninfo dos formandos da Faculdade Íbero-Americana de Ciências e Letras. São Paulo.,  
Curso de Letras, Tradutores e Intérpretes. 155
1984. Homenageado pelos formandos da Faculdade Íbero-Americana de Ciências e Letras. São Paulo.,  
Curso de Letras, Tradutores e Intérpretes. 156
1985. Paraninfo dos formandos da Faculdade Íbero-Americana de Ciências e Letras. São Paulo.,  
Curso de Letras, Tradutores e Intérpretes. 157
1986. Homenageado pelos formandos da Faculdade Íbero-Americana de Ciências e Letras. São Paulo.,  
Curso de Letras, Tradutores e Intérpretes. 158
1990. Moção de congratulações da Câmara Municipal de Adamantina. Of. 213/90. 159
1990. Paraninfo dos formandos da Escola de Comunicações e Artes/USP, do ano de 1990. 160

---

**16. OUTROS**

1977. Jurado do I Concurso Literário Estudantil "A Gazeta de Pinheiros". São Paulo. 161
1986. Membro da equipe de corretores dos concursos públicos promovidos pela Seretaria de Educação do Estado de São Paulo. Provimento de cargos de professor III. 162
1987. Membro do juri do concurso de contos e poesias promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. 163
1991. Membro da equipe examinadora do concurso de provimento de cargos de professores de Português do Município de São Paulo. Coordenação: Fundação Carlos Chagas. 164
1992. Membro da equipe de organização do edital e da programação para o concurso público de Docente Titular na área de Língua Portuguesa e Lingüística. Fundação de Ensino Superior de São João Del Rey, Universidade Federal de Minas Gerais. 165

---

**17. PUBLICAÇÕES****17.1 - LIVROS**

1980. "O ensino de literatura no segundo grau" In:  
Sperber, Suzy; Marco, Valéria de; Leite, Lígia  
Chiappini de Moraes (Orgs). Língua e literatura:  
o professor pede a palavra. São Paulo, Cortez. 166
1985. Linguagem e persuasão. São Paulo, Ática.
1991. \_\_\_\_\_ 6ª ed. \_\_\_\_\_ 167
1986. O romantismo. São Paulo, Ática.
1990. \_\_\_\_\_ 2ª ed. \_\_\_\_\_ 168
1991. "O ensino de linguagem verbal: em torno do  
planejamento" In: Martins, Maria Helena (Org).  
Questões de linguagem. São Paulo, Contexto. 169
- No prelo. A dissertação (título provisório). São  
Paulo, Scipione. 170
-

---

**17.2 - REVISTAS**

1986. "A continuidade de uma experiência: o ensino de Língua Portuguesa na ECA" In: Sul. Boletim de novas tecnologias de comunicação. nº 5. São Paulo, ECA/USP. 171
1986. \_\_\_\_\_ & Masaini, Márcia. "Entrevista com Ferreira Gullar" In: Revista Linha d'Água. nº 4. São Paulo, Associação de Professores de Língua e Literatura. 172
1988. "Conceitos de leitura" In: Revista Idéias. nº 5. São Paulo, Fundação do Desenvolvimento Escolar (FDE). 173
1989. \_\_\_\_\_ & Baccega, Maria Aparecida. "Retórica da Manipulação: os sem terra nos jornais" In: Revista Comunicações e Artes. nº 20. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. 174
1989. Colaboração na matéria "Hora de política. Hora de aprender". Revista Sala de Aula. nº 14. (set.) São Paulo, Fundação Victor Civita. 175
-

- 
1990. "Simões Lopes Neto: uma edição crítica" In:  
Revista Ciência e Cultura. Set. v. 42. São  
Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da  
Ciência. 176
1991. "Imprensa e arbítrio: um caso de empastelamento"  
In Revista Comunicações e Artes. nº 25. São  
Paulo, Escola de Comunicações e Artes. 177

17.3 - JORNAIS

1975. "O olho e a pena" Jornal do Arena. nº 4, Teatro de Arena. 178
1990. "Um inédito de Afonso Arinos". D.O. Leitura. 9(98) Julho. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 179

---

#### 17.4 - TRABALHOS MIMEOGRAFADOS

1982. O mundo do silêncio: análise e interpretação de Pelo Sertão, de Afonso Arinos. São Paulo, FFLCH/USP. 180
1990. Os caminhos da salvação: modos de ver e de compor em Os jagunços, de Afonso Arinos. São Paulo, FFLCH/USP. 181

---

**18. PARTICIPAÇÃO EM VÍDEOS**

1987. "A questão do carnaval". Produção: Faculdades Integradas Alcântara Machado. São Paulo. Participação: Renato Ortiz, José Carlos Bruni e Luci Gatti Pietrocolla. 182
1988. "Conceitos de leitura". Produção: Fundação do Desenvolvimento Escolar (FDE). São Paulo. 183